
A Luta por Reconhecimento, não Somente por Autopreservação

La lucha por el reconocimiento, no sólo por autopreservación

Fabio Goulart¹

Resumo: Neste artigo é investigado como para o filósofo contemporâneo alemão Axel Honneth a visão moderna e tradicional que coloca na luta por autoconservação o centro gravitacional dos conflitos sociais estaria equivocada ou ultrapassada. Também é dito como o filósofo dá sequência à tradição da *Teoria Crítica* a partir da análise de seus antecessores que teriam se afastado demais dos conflitos cotidianos, levando a filosofia a uma série de questões donde é incapaz de resolvê-las, gerando assim um déficit sociológico. Para superar tal déficit e a ultrapassada visão do início da modernidade acerca do ser humano, a filosofia necessita dar mais atenção aos conflitos interpessoais cotidianos, que podem ser resumidos sempre a uma *luta por reconhecimento*, por isso seria necessário um retorno a e uma atualização da filosofia política do jovem Hegel que, entre outras coisas, aborda justamente esta ideia.

Palavras-Chaves: Reconhecimento; Autoconservação; Conflitos interpessoais.

Resumén: En este artículo se investiga como para el filósofo contemporáneo alemán Axel Honneth la visión moderna y tradicional que pone la lucha por la auto-preservación en el centro de gravedad de los conflictos sociales sería un error. También se dice que el filósofo siguiendo la tradición de la Teoría Crítica, hace un análisis de sus predecesores donde dice que habían alejado demasiado de los conflictos cotidianos, colocando la filosofía delante una serie de preguntas en que es incapaz de resolver, creando así un déficit sociológico. Para superar este déficit y la concepción anticuada de los primeros modernos acerca de la filosofía se tiene que prestar más atención a los conflictos interpersonales cotidianos, que pueden resumirse siempre en una lucha por el reconocimiento. Por lo tanto se necesita una actualización y un retorno a la filosofía política del joven Hegel, quien, entre otras cosas, se ocupa precisamente con esta idea.

Palabras Claves: Reconocimiento; Instinto de conservación; Conflictos interpersonales.

¹ Mestrando em Filosofia na área de Ética e Filosofia política pelo PPGFil da PUCRS, sob a orientação de Dr. Agemir Bavaresco; bolsista do CNPq; Bacharel e Licenciado em Filosofia pela PUCRS e professor de Filosofia da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: fabiagt@zipmail.com.br

1- Reconhecimento Hoje

A atual conjuntura de nosso tempo é uma conjuntura de crise e não me refiro somente à crise econômica global que aflorou em 2008 e que até o momento se mostra insolucionável. A crise se dá, pois julgo que o passado representado pelo projeto emancipatório no final da modernidade já se foi, assassinado e queimado nas câmaras de gás e cremação de Auschwitz. Em contra partida, o futuro, que pode ser representado por projetos que tentaram ressignificar e consertar aquele antigo projeto de emancipação, ainda não chegou.

Vivemos um tempo onde os indivíduos estão em crise devido ao esvaziamento psicológico gerado pela lógica dominante e opressora do *Sistema*, fruto de sua racionalidade que não consegue promover a tão sonhada redução da desigualdade social e costuma a segregar, oprimir e subjugar todos que sejam diferentes dos padrões socialmente aceitos, ou seja, não há só conflitos de classe, mas também conflitos devido ao não reconhecimento de diferenças culturais, de gênero, de raça, étnicas e de orientação sexual. Neste sentido, o filósofo contemporâneo Axel Honneth fundamenta sua filosofia social nas relações intersubjetivas de reconhecimento, respeito e poder:

Honneth constrói sua teoria do reconhecimento, buscando atualizar a tese hegeliana à luz de premissas que correspondessem a um contexto de relações pós-tradicionais. As aberturas encontradas por ele no modelo hegeliano permitiram que ele satisfizesse as necessidades de uma teoria social crítica baseada no reconhecimento que pretendesse abarcar as questões atuais da filosofia política, ainda que muitas e variadas críticas se dirijam à sua teoria. [...] além da necessidade de se pensar as questões de não reconhecimento étnico, racial, de gênero e de desigualdades socioeconômicas, já explicitam o caráter necessário de se analisar as fontes teóricas que propiciaram o instrumental categorial acerca do conceito de reconhecimento, e o modo como ele é utilizado por um de seus principais sistematizadores na contemporaneidade, Axel Honneth. (RAVAGNANI, 2009)².

² Disponível em [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci\(39-57\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci(39-57).pdf) acessado em 09 de Julho de 2012.

A relevância filosófica do presente trabalho justifica-se, primeiramente, pela importância sistemática da explanada questão para a conjugação dos principais âmbitos da filosofia teórica e prática de Honneth, bem como na sua influência direta ou indireta em problemas contemporâneos acerca da Ética e Filosofia Política.

Objetivo geral deste artigo é investigar como para Honneth a visão moderna e tradicional que coloca na luta por autoconservação o centro gravitacional dos conflitos sociais estaria equivocada. Talvez pelo choque moral acontecido pelos horrores das duas grandes guerras mundiais da primeira metade do século XX os filósofos das duas primeiras gerações da Teoria Crítica teriam se afastado demais dos conflitos cotidianos, levando a filosofia a uma série de questões donde é incapaz de resolvê-las, gerando assim um déficit sociológico.

2 - Herdeiro da Escola de Frankfurt, mas não integrante

Axel Honneth é o atual diretor do *Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt*³ da Universidade de Frankfurt. Ele é “Herdeiro” da corrente filosófica chamada de Escola de Frankfurt, mas para Marcos Nobre não é correto afirmar que ele faça parte de tal escola filosófica. A Escola de Frankfurt se restringe a um período histórico onde filósofos como Adorno e Horkheimer retornaram à Alemanha após a Segunda Guerra Mundial e voltaram a realizar seus estudos políticos e filosóficos vinculados ao marxismo, pois estes haviam sido sumariamente proibidos pelo governo nazista nas décadas anteriores. A esta linha de estudo se vinculou o nome de “*Teoria Crítica*”, tradição filosófica esta em que o pensamento de Honneth está fortemente ligado. Desta maneira, é correto afirmarmos que Axel Honneth faz parte da terceira geração de filósofos da Teoria Crítica, mas é um equívoco falar que faça parte da Escola de Frankfurt. Tal Escola foi atuante e decisiva na reformulação da filosofia alemã entre as décadas 1950 e 1960, porém ao falarmos em Teoria Crítica precisamos ter uma noção ainda mais ampla (NOBRE, 2003, p. 7-10).

Por mais que sua origem nos leve a Karl Marx, a Teoria Crítica rompe muitos laços com o marxismo e com outras correntes filosóficas tradicionais. É

³ *Institut für Sozialforschung*

justamente neste rompimento que julgo residir a principal característica de tal corrente filosófica: sua postura e comportamento crítico que busca atacar diretamente os alicerces superestruturais do Sistema que nos impede de atingirmos um estado de real esclarecimento e nos remete sempre para uma nova barbárie. Adorno e Horkheimer romperam com Marx, Habermas rompeu com Adorno e Horkheimer e, agora, é chegada a hora de Honneth romper com Habermas. Devo salientar que este rompimento não se trata de uma separação ou de uma superação, mas sim de um processo crítico que visa explorar pontos insatisfatórios das teorias anteriores, abrindo um leque cada vez maior de vertentes na busca constante e perpétua de entendermos os homens em suas relações intersubjetivas racionalmente propostas. Neste processo, Axel Honneth destaca o “*déficit sociológico da Teoria Crítica*” deixado por seus antecessores, onde em prol de elaborarem uma filosofia mais coerentemente coerente consigo mesma, teriam não dado a devida atenção aos eventos cotidianos da vida em sociedade. Julgo que isso se deu devido à necessidade histórica onde a segunda metade do século XX clamou para que se concentrassem todos os esforços em busca de um melhor entendimento das mais variadas formas de dominação para entendermos melhor o que havia acontecido e para evitar que Auschwitz se repetisse. Chegando ao século XXI, temos evidentemente novas necessidades intelectuais políticas e filosóficas; neste embalo, Honneth tenta trazer o foco para os mais variados confrontos cotidianos que teriam sempre, em determinado momento, a forma de uma luta moral, ou luta por reconhecimento.

Em seu livro intitulado justamente *Luta por Reconhecimento*, Axel Honneth busca exatamente uma forma de atualizar a Teoria Crítica em busca do preenchimento de tal déficit sociológico, para isso ele busca redimensionalizar o conceito de reconhecimento e para fazer isso o filósofo vai até os trabalhos de filosofia social do jovem Hegel e é justamente sobre tal ponto que dedicar-me-ei brevemente.

3 - Reconhecimento ou Autoconservação?

O pensamento *bobbesiano* apresentado na modernidade reduz o comportamento individual e social às questões de aumento de poder e

autoconservação. Não seríamos mais do que animais tentando encontrar uma ou outra forma de conseguir alguma vantagem. O jovem Hegel discorda de tal pensamento e se usa do conceito de reconhecimento justamente para inverter tal lógica. Para ele, a sociedade não seria somente o espaço usado para a autoconservação dos indivíduos, mas sim o espaço da eticidade, um local marcado pelo diálogo e respeito que permitem que indivíduos convivam juntos, ou seja, o reconhecimento se coloca como uma das bases para manutenção do indivíduo e da vida em sociedade:

Desse modo, a esfera social proporciona a possibilidade dos sujeitos se auto-reconhecerem nas suas potencialidades e capacidades mais ou menos semelhantes, ou seja, a possibilidade de estarem em comunhão, reconhecendo o outro na sua singularidade e originalidade, o que faz com que cada nova etapa de reconhecimento social capacite o indivíduo apreender novas dimensões de sua própria identidade, o que, por fim, estimula novas lutas por reconhecimento, mostrando que o ponto central deste processo é este movimento em que conflito e reconhecimento condicionam-se mutuamente [...]. O contrato não cria direitos, ele os restabelece. A luta social não é uma luta por poder, mas uma luta por reconhecimento. (RAVAGNANI, 2009).

Dentro da lógica do reconhecimento, indivíduos entrelaçam-se com seu tempo, cultura e sociedade. A identidade individual se constrói especificamente dentro de seu contexto. Em Hegel, é possível encontrarmos três formas distintas de reconhecimento que carregariam em si as potências motivadoras dos conflitos sociais, a saber: *amor, direito e estima*. Honneth julgou ser necessária uma atualização de tal ideia para que possamos superar as barreiras idealistas evitando indesejados retornos metafísicos.

Nos anos que passou como jovem docente em Jena, o filósofo Hegel defendeu a ideia de que por detrás dos conflitos sociais estaria sempre uma constante luta por reconhecimento travada por indivíduos e povos. Tal luta seria em busca de direitos que permitam acima de tudo a constante evolução das liberdades individuais, onde o fim das injustiças se faz necessário. “No entanto, na obra de Hegel, o programa assim esboçado nunca chegou a ir além do limiar de meros esquemas e projetos” (HONNETH, 1992, p. 30).

Para Axel Honneth, a luta por autoconservação seria a fundamentação da filosofia social da modernidade. Maquiavel demonstrou a

instrumentalização da política e o constante choque de interesses entre indivíduos; em Thomas Hobbes, o homem seria naturalmente “o lobo do próprio homem”, etc. Antes da modernidade não era este o fundamento básico:

Da política clássica de Aristóteles até o direito natural cristão da Idade Média, o homem fora concebido em seu conceito fundamental como um ser capaz de estabelecer comunidades, um *zoon politikon* que dependia do quadro social de uma coletividade política para realizar sua natureza interna; somente na comunidade ética da *polis* ou da *civitas*, que se distingue do mero contexto funcional de atividades econômicas devido a existência de virtudes intersubjetivamente partilhadas, a determinação social da natureza humana alcança um verdadeiro desdobramento. (HONNETH, 1992, p. 31).

A modernidade trouxe mudanças radicais na vida, na economia, na política, nas artes e na filosofia. Além dos mares descobriu-se um novo mundo e no espelho descobriu-se um novo homem. A nova forma de ver o mundo e o ser humano teria levado a filosofia a abandonar seus velhos conceitos acerca do homem e da virtude. As sociedades cresceram, desenvolveram-se e automatizaram-se tanto que faltou espaço para uma série de valores antigos. O Homem passa a ser visto com egocêntrico, a política foi rebaixada a mero jogo de interesses e mecanismo de manutenção e ampliação de poder e o Estado deixa de ser o ambiente da realização do indivíduo e passa a ser uma concorrência hostil às suas ambições. A desconfiança se tornou uma característica sempre constante nas relações entre sujeitos, Estados e instituições.

Mesmo quando Maquiavel falava em *virtu* ou *fortuna* já não se referia mais aos velhos conceitos romanos, mas sim a elementos necessários para o cálculo estratégico de dominação e poder:

Para Maquiavel, o ponto de referência supremo de todos os estudos históricos é sempre a questão de saber de que maneira o conflito ininterrupto entre os homens pode ser habilmente influenciado em favor dos detentores do poder; deste modo, seus escritos, e até na exposição dos desenvolvimentos históricos, mas ainda sem qualquer fundamentação teórica crítica mais ampla, manifesta-se pela primeira vez a convicção filosófica de que o campo da ação social consiste numa luta permanente dos sujeitos pela

conservação de sua identidade física. (HONNETH, 1992, p. 33).

Com o passar dos anos, a consolidação do mundo e do homem moderno botaram em prática muitas das ideias de Maquiavel, obtendo resultados geralmente interessantes para os que almejavam progresso e poder. Pouco mais de cento e vinte anos após Maquiavel, o célebre Thomas Hobbes escreve sua obra já sob este novo paradigma, donde o homem apresenta a podridão de sua natureza como sua virtude maior. Por isso, ele pode ir mais ao fundo nesta visão negativa do ser humano, contando também com o apoio da ciência e epistemologia de Descartes para a justificação, fundamentação e consolidação de sua visão antropológica. Cada homem estaria sempre buscando garantir sua autoconservação e bem-estar futuro. É evidente que esta essência egoísta encontra uma grande barreira quando se cruza com a essência egoísta de um semelhante. Dentro de tal lógica, a melhor solução seria o indivíduo audaz saber prever tal embate de forma que possa dominar a vontade de seu semelhante; quanto ao indivíduo dominado restaria render-se à autoridade alheia garantindo assim sua sub-existência.

Para Honneth, após a elaboração teórica de tal base antropológica, Hobbes parte para a segunda parte de seu empreendimento, caracterizando um fictício estado de natureza, onde o homem se apresenta propriamente como o inimigo dos outros homens, clamando pela força de uma autoridade legislativa externa que o permita superar seu estado bárbaro de natureza, porém a ideia de tal estado surgiu às avessas:

[...] como Günther Buck mostrou de maneira penetrante, exibir a situação social do começo da socialização humana, abstraindo metodicamente toda a história; pelo contrário, ela expor o estado geral entre os homens que teoricamente resultaria se todo órgão de controle político fosse subtraído *a posteriori* e ficticiamente da vida social: já que a natureza humana particular deve estar marcada por uma atitude de intensificação preventiva de poder em face do próximo, as relações sociais que sobressairiam após uma tal subtração possuiriam o caráter de uma guerra de todos contra todos. (HONNETH, 1992, p. 35).

O estado de natureza hobbesiano teria sido nada mais que uma ferramenta criada por Hobbes para justificação de sua ideia de estado soberano. De fato, se retirássemos todas as instituições que garantiam a vida

naqueles tempos, o que restaria provavelmente seria uma luta de todos contra todos, de tal luta restaria o horror, o temor e o clamor por um mundo mais “confortável” e seguro. Para evitar isso, restaria aos homens comuns a submissão voluntária ao Estado; e ao soberano restaria seu ímpeto e agir para os fins fazendo se valer dos meios necessários para tal empreendimento. Desta forma, a modernidade se impôs a clara ideia de que o *contrato social* seria o único meio de garantir o fim “da guerra de todos contra todos” e de dominar a bárbara natureza humana para garantir a autoconservação individual.

Considerações Finais

Tanto Maquiavel quanto Hobbes fizeram da luta por autoconservação o ponto de partida e de referência de suas filosofias, restando daí uma visão negativa das relações humanas que funcionava muito bem para justificar o Estado forte e a ação opressora do dominador sobre os dominados; para Honneth, foram filosofias que tinham como fim supremo a práxis política (HONNETH, 1992, p. 36). Os fatos históricos narrados sempre por uma perspectiva dominante consolidaram a ideia duma natureza humana perversa e da necessidade de uma autoridade externa para garantir a autoconservação individual, que seria o fim último de toda vida em sociedade.

Esta ideia passou pelos séculos e garantiu uma série de barbáries se mostrando incapaz de explicar a real fonte dos conflitos sociais, bem como infrutífera na luta contra os mais variados problemas sociais que ainda somos incapazes de superar.

Fatos como o holocausto e as bombas atômicas no século XX, bem como os atentados terroristas e a crise econômica e socioambiental deste início de século XXI nos trazem a imediata necessidade de superarmos tal visão paradigmática. O filósofo Axel Honneth diz que devemos ir muito além da compreensão tradicional que restringe as relações intersubjetivas à luta por autoconservação, não há só conflitos de classe, mas também conflitos devido ao não reconhecimento de diferenças culturais, de gênero, de raça, étnicas e de orientação sexual, etc. tais conflitos teriam sempre, em determinado momento, a forma de uma luta moral, ou luta por reconhecimento. Assim sendo, se faz necessário mudarmos o centro gravitacional dos conflitos sociais para a luta

por reconhecimento, pois a falta de reconhecimento entre os indivíduos estaria na base dos conflitos interpessoais e sociais.

Para isso, se faz necessário o retorno à filosofia política do jovem Hegel, pois ela colocava a luta por reconhecimento justamente em tal posição. Em sua época, Hegel estava demasiadamente submerso sob os conceitos hobbesianos e maquiavélicos, muito provavelmente por isso não tenha dado sequência a esta linha de raciocínio filosófico, porém hoje devido a uma série de novos conceitos pautados principalmente por filósofos da Teoria Crítica parece adequado atualizarmos e darmos sequência a tal pensamento. Justamente nessa direção Axel Honneth propõe seguir seu trabalho.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 223 p.

NOBRE, Marcos. “Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica”. In: HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 07-19.

HONNETH, Axel. “Integrity and disrespect: Principles of a Conception of Morality Based on the Theory of Recognition”. IN: *Political Theory*, 1992, vol. 20, nº 2, p. 187-201.

_____. *The fragmented World of the Social*. Albany, State University of New York Press, 1995.

_____. *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003 (*Kampf um Anerkennung*, 1992).

RAVAGNANI, Herbert Barucci. *Luta por Reconhecimento: A Filosofia Social do Jovem Hegel segundo Honneth*. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci\(39-57\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci(39-57).pdf) acessado em: 09 de julho de 2012.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Axel Honneth*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Axel_Honneth Acessado em: 05 de dezembro de 2012.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Thomas Hobbes*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Hobbes Acessado em: 05 de dezembro de 2012.

Data de Recebimento: 29/05/2013

Data de Aprovação para Publicação: 18/07/2013